

COLEÇÃO PAWANA

MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO

**FNDE**

Biblioteca  
da Escola



*JUNTOS NA ALDEIA*  
Luís Donisete Benzi Grupioni



Berlendis & Vertecchia Editores

Este livro foi considerado  
\* *Altamente Recomendável 1997*™  
pela Fundação Nacional do  
Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ

COLEÇÃO PAMANA

**JUNTOS NA ALDEIA**

de

**Lúis Donisete Benzi Grupioni**

Coordenação: Donatella Berlandis



Berlandis & Vertecchia Editores

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Grupioni, Luis Donisete Benzi

Juntos na aldeia / de Luis Donisete Benzi Grupioni; coordenação Donatella Berliendis. -- 2. ed. -- São Paulo: Berliendis & Vertecchia, 1999. -- (Coleção Pawana; v. 2)

1. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia 2. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia - Artesanato 3. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia - Cultura 4. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia - Habitação 5. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia - Lendas 7. Índios da América do Sul - Amazonia - Literatura infanto-juvenil 8. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia - Ritos e cerimônias 9. Índios da América do Sul - Brasil - Amazonia - Usos e costumes I. Berliendis, Donatella. II. Título. III. Série.

97-1179

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Índios: Literatura infantil I 028.5
2. Índios: Literatura infanto-juvenil I 028.5

Editado por Berliendis & Vertecchia Editores Ltda.  
© Berliendis Editores Ltda.

Rua Moacir Piza, 63 - 01421-030 - São Paulo - SP - Brasil

Fone: (011) 853-9583 - Fax: (011) 853-2344

E-mail: editora@berliendis.com

Página Web: <http://www.berliendis.com>

1ª Edição abril de 1997; 2ª Edição, revista e atualizada, maio de 1999

Capa: Marco Giannotti

**Apresentação**

*Este é o segundo volume da Coleção Pawana, voltada a aproximar as crianças da cidade ao universo cultural dos índios brasileiros. Como no primeiro volume, a intenção aqui é trazer para mais perto o cotidiano e a vida cerimonial dos povos indígenas, de forma que eles possam se tornar mais familiares e menos exóticos.*

*Aqui são contadas histórias sobre quatro povos indígenas diferentes, retratando situações cotidianas e rituais vividas por crianças ou jovens indígenas. Se no primeiro volume as histórias ficaram centradas em povos que moram na região central do Brasil e que falam línguas pertencentes à família linguística Jê, aqui o foco se deslocou para a Amazônia e para povos que falam línguas Tupi-Guarani e Caribe. As sociedades indígenas retratadas neste livro têm ainda pouco contato com os brancos, mesmo assim, tratel de inseri-los nas histórias. Todos sabemos que o contato com os brancos é inevitável e que eles vêm ocorrendo desde 1500, quando da chegada dos primeiros europeus. Apesar desta longa história, há ainda, segundo estimativas, cerca de 50 povos indígenas isolados na Amazônia brasileira, sem contato com os brancos. Eles serão, num futuro breve, encontrados e forçados a entrar em contato. Esperamos que eles sejam tratados com respeito.*

Ainda hoje, no Brasil, tem gente que não tem consideração com os índios. Acha que eles são atrasados só porque têm um jeito de viver diferente do nosso, de acreditar e de explicar as coisas, e também de se relacionar com a natureza. Outras pessoas acham que o governo garante muitas terras para os índios e que eles nada produzem. Enfim, há muita desinformação e preconceito com relação aos índios.

Poucas pessoas sabem que os índios trabalham, e muito, para tirar do tempo os alimentos para sua sobrevivência e que, ao longo de décadas de anos, eles foram encontrando uma forma harmoniosa de conviver com a natureza, conhecendo-a, investigando-a e aproveitando-se dela, sem precisar destruí-la. Mas o respeito que devemos a estes povos não vem do fato de eles serem ecológicos, e sim, de terem constituído, enquanto seres humanos, formas diferentes de se organizarem em sociedade. É por serem diferentes de nós que devemos respeitá-los. Conhecendo-os melhor talvez aprendamos mais sobre nós mesmos e sobre nossa sociedade. É este o convite deste segundo livro.

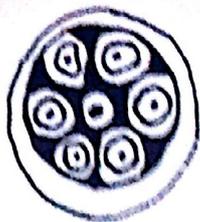
Aqui também, os histórias estão contextualizadas no ambiente e na cultura de cada um destes povos, e os desenhos que os ilustram foram feitos pelos próprios índios. Espero que, ao ler este livro, você se interesse mais sobre os índios do Brasil que, afinal de contas, já estavam aqui mesmo antes de o Brasil existir enquanto tal. Boa leitura.

Luis Donisete Benzi Grupioni

## Índice

Apresentação	3
Os porcos e a roça de mandioca	7
Nas Florestas do Cuminapanema	19
Festa do Jabuti	27
A criação da humanidade	39





### Os porcos e o fogo de mandioca

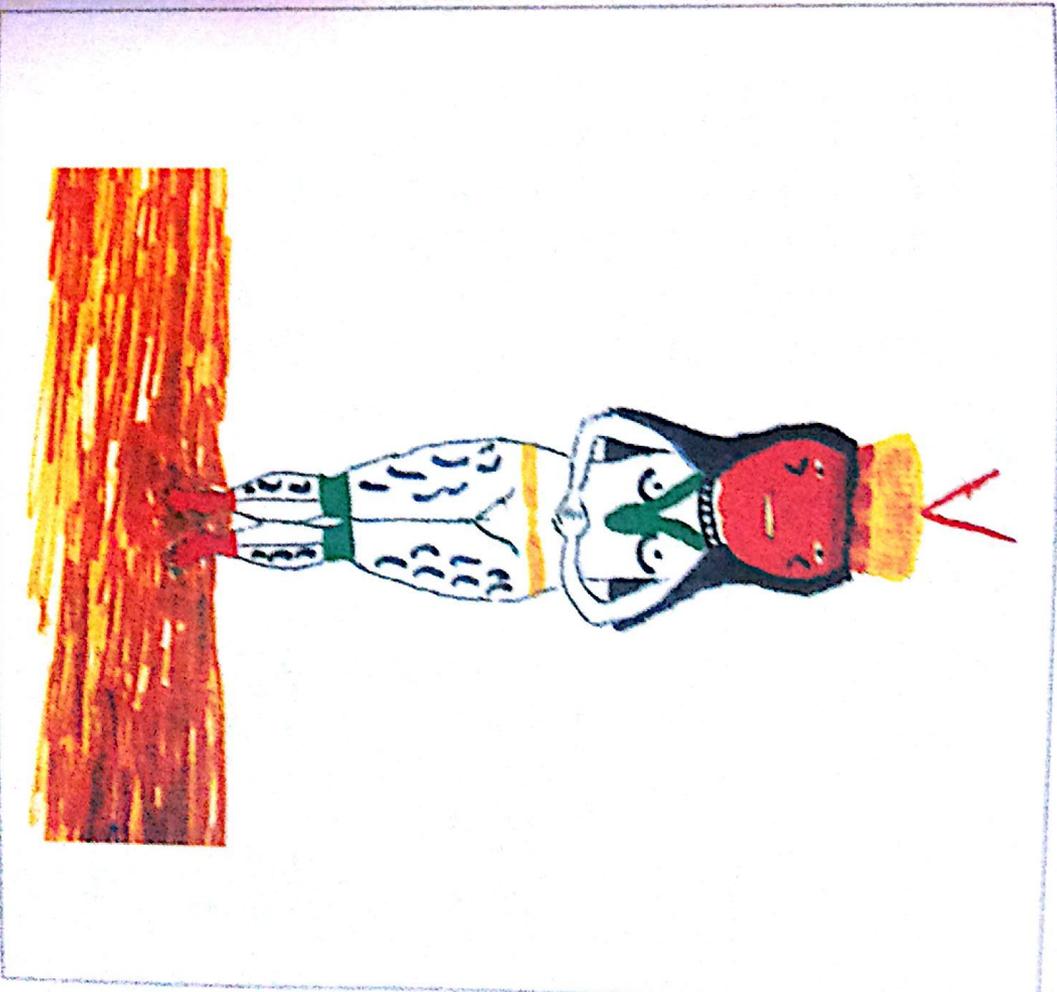
De um galho do druzé, o garoto gritou: "Ué vou ser", e saltou. E foi ele e também um outro que virto atrás e perdeu o equilíbrio. No rio, brincando e esperando água para lavar os olhos, estavam outros garotos do aldeia korovurá. O dia já amarelava e o sol aparecia lentamente no limbo do horizonte.

Na aldeia, alguns pensou: onde dormiam. A menina Korovurá se espreguiçou no sofá, estendida com uma pequena festa na parede do casa, que deixava sentir um leve de luz amarelado. Sua mãe estava próxima do fogo preparando um bolo de mandioca chamado beju. "Hoje vamos no lago procurar algumas mandiocas", disse a mãe para a menina. "Acabei de decidir e quero comer um pedaco de beju quente". Nos casos korovurá, que foram lá no Parque Indígena do Xingu, comesse beju o tempo todo: pura, com peixe assado ou estopada, ou com pimenta.

Pouco depois os meninos voltavam do rio e um grupo de mulheres e crianças saía em direção à roça. As mulheres carregavam cestos vazios que voltariam cheios de mandioca. Antes de se embrenhar pela mata resolveram passar pelo Posto Leonardo, onde há uma pista de pouso pela qual chegam os aviões trazendo funcionários da Funai, visitantes e remédios. No dia anterior tinham



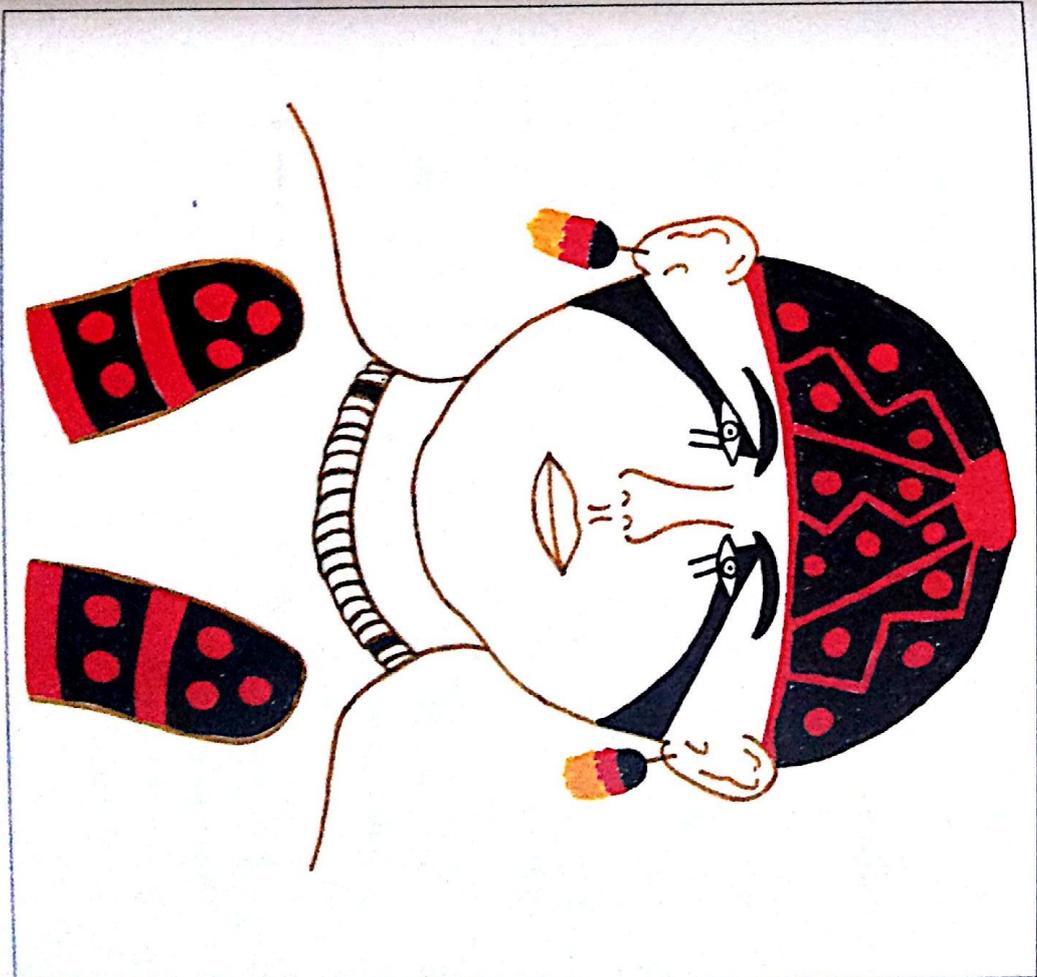
escutado o ronco do avião, e as crianças, que estavam no Posto, correram para a aldeia para contar da chegada de uma visitante. Alguns adultos tinham ido até o Posto e, à noite, toda a aldeia karayuré já sabia que uma linguista chegara no avião e iria morar alguns meses com eles, para aprender a falar e escrever a língua dos Karayuré. Estavam curiosos para saber como era a estrangeira.



1  
Depois de parar um tempo no Posto e conhecer a visitante, o grupo de mulheres seguiu para a roça, comentando sobre os presentes que ela teria trazido. Lá chegando, ouviram os gritos das crianças: "Os porcos-do-mato comeram a nossa mandioca". Os Kamayurá fazem cercas em volta das roças para impedir que bandos de porcos-do-mato entrem e destruam o que está plantado. Mas desta vez os animais tinham derrubado um pedaço de cerca e comido boa parte das plantas de mandioca.

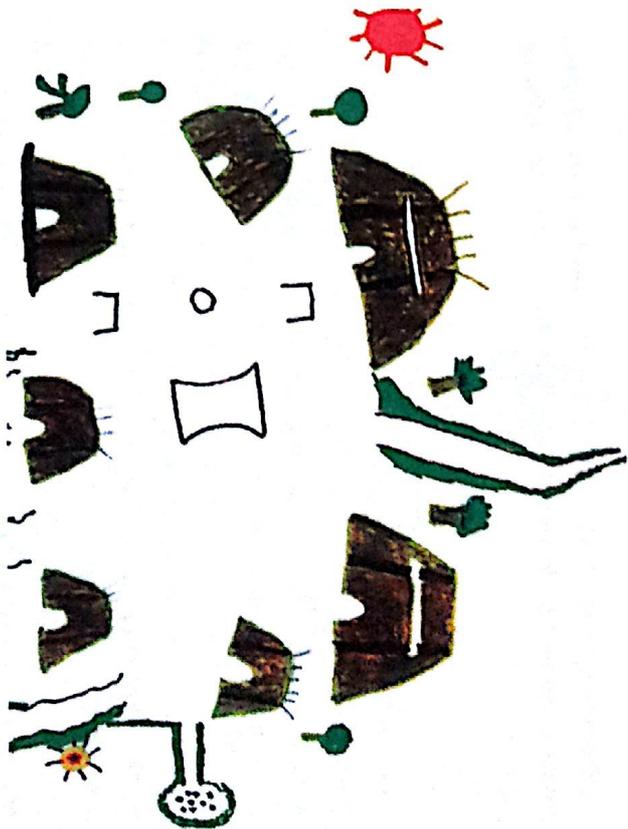
As mulheres ficaram entufecidas. Também, não era para menos. Há vários meses elas estavam trabalhando nessa roça. Pimneia os homens tinham vindo, na estação da seca, para derrubar as árvores grandes que, ao tombarem, arrastavam as de menor porte. Eles haviam esperado que as madeiras e as folhas secassem e então atearam fogo. Quando as cinzas, os troncos e o solo estariam, as mulheres vieram e plantaram pedaços de mandioca na terra. Essa plantação era feita entre troncos e galhos que haviam sobrado da queimada e antes que começasse a época das chuvas.

Antigamente os Kamayurá utilizavam machados de pedra e instrumentos de osso e madeira no trabalho da roça. Após



o cortado com os brancos, esses objetos foram, pouco a pouco, sendo substituídos por instrumentos de metal, como o facão, o machado de ferro e a enxada. Isso facilitou o trabalho na roça, que mesmo assim continua a ser árduo e a exigir muito esforço. Era por isso que as mulheres estavam tão zangadas. Queriam voltar para a aldeia e mandar seus maridos caçarem aqueles porcos cornilhões.

Furiosas com o estrago feito pelos porcos, as mulheres trataram de arrancar as mandiocas que haviam sobrado, enchendo seus cestos. Algumas aproveitaram para pegar um pouco de fumo e algodão que elas também cultivavam. Aquela era uma roça recente e as mulheres continuariam plantando ali por mais alguns anos antes de abrirem uma nova. As mais práticas trataram de arrumar a cerca destruída, para que os porcos não a invadissem de novo. Na volta à aldeia, passaram outra vez pelo Posto e contaram a todos o que havia ocorrido. O chefe de posto da Funai, a pedido das mulheres, emprestou espingardas para um grupo de homens, que no final da manhã partiu para a mata em busca dos porcos.



O sol estava forte por volta do meio-dia e o pátio da aldeia kamayurá, deserto. Nem mesmo as crianças se aventuraram a sair de suas casas. Mas, à medida que a tarde chegava, o zunzum das conversas foi crescendo. Na casa da menina Kamavu as mulheres acabavam de decidir que iam fazer *moltará* com as

mulheres de uma outra casa. Queriam quebrar a monotonia da tarde e esquecer as mandiocas que tinham sido comidas pelos porcos.

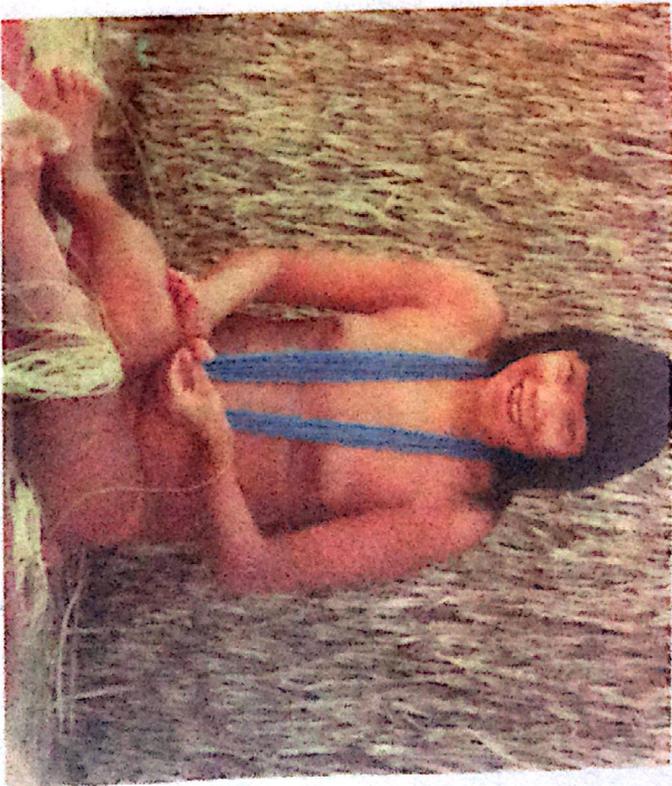
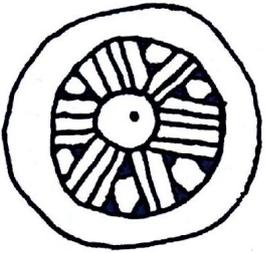
Sem muitos preparativos, cada mulher apanhou um ou dois objetos e se dirigiu para a casa escolhida para fazer o *moitará*. Entraram todas sem cerimônia e foram logo se sentando no chão. As mulheres da casa visitada se juntaram a elas. Uma visitante iniciou o *moitará* depositando uma cuia no chão. Ela foi pega e examinada por todas as mulheres da casa. Uma delas se interessou e colocou como oferta um pente. O pente foi então examinado pelas mulheres do outro grupo e retirado do chão. Estava concluída a troca. Um outro objeto foi posto para avaliação. O entusiasmo das mulheres crescia com o volume de bens colocados no chão e que circulava pelas suas mãos. A troca só se encerrou quando os artigos trazidos pelas visitantes acabou, e elas então retornaram para suas casas. Mas, a bem da verdade, o *moitará* ainda não tinha terminado. Agora era a vez das mulheres da casa visitada terem a casa das que haviam iniciado o *moitará*. Lá começou uma nova rodada de trocas. Alguns homens que não tinham saído para caçar acompanhavam de longe a diligância das mulheres. Eles

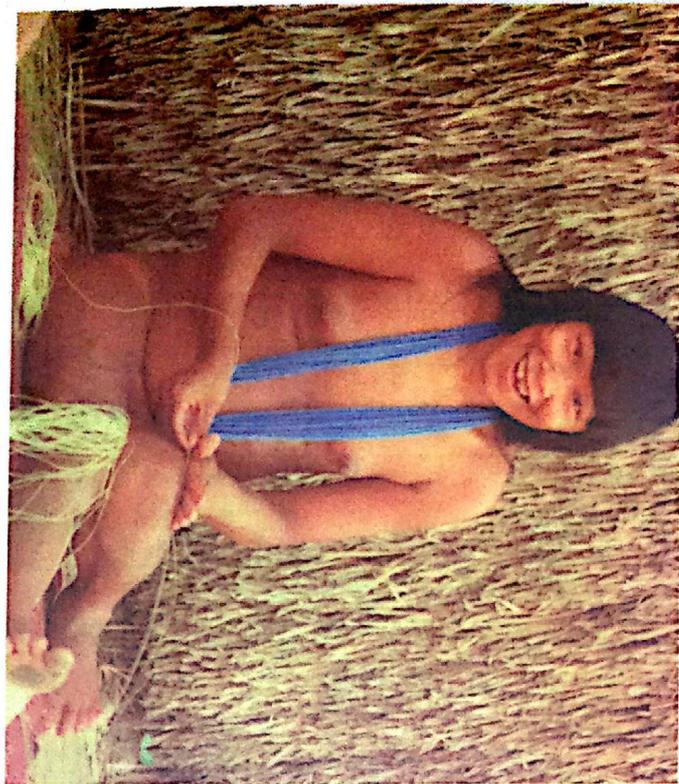


também realizam *moltará*, quando um grupo de homens de uma casa decide trocar coisas em outra casa.

Já começava a escurecer quando um grupo de homens entrou no pátio da aldeia. Tinham vagado pela mata seguindo as marcas deixadas pelos porcos. O pai de Kamavu estava contente: tinha conseguido abater um dos porcos comilões.

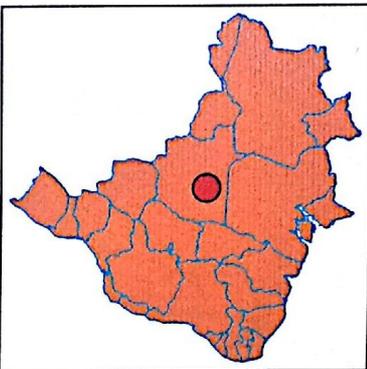
À noite, em volta do fogo, enquanto comiam os beijos preparados com as mandiocas que haviam sobrado, homens e mulheres daquela aldeia kamayurá comentariam sobre o estrago feito pelos porcos na roça, sobre a caçada da tarde, a chegada da linguísta e as trocas realizadas durante o *moltará*. Tudo isso daria muito o que falar.





Kamayurá

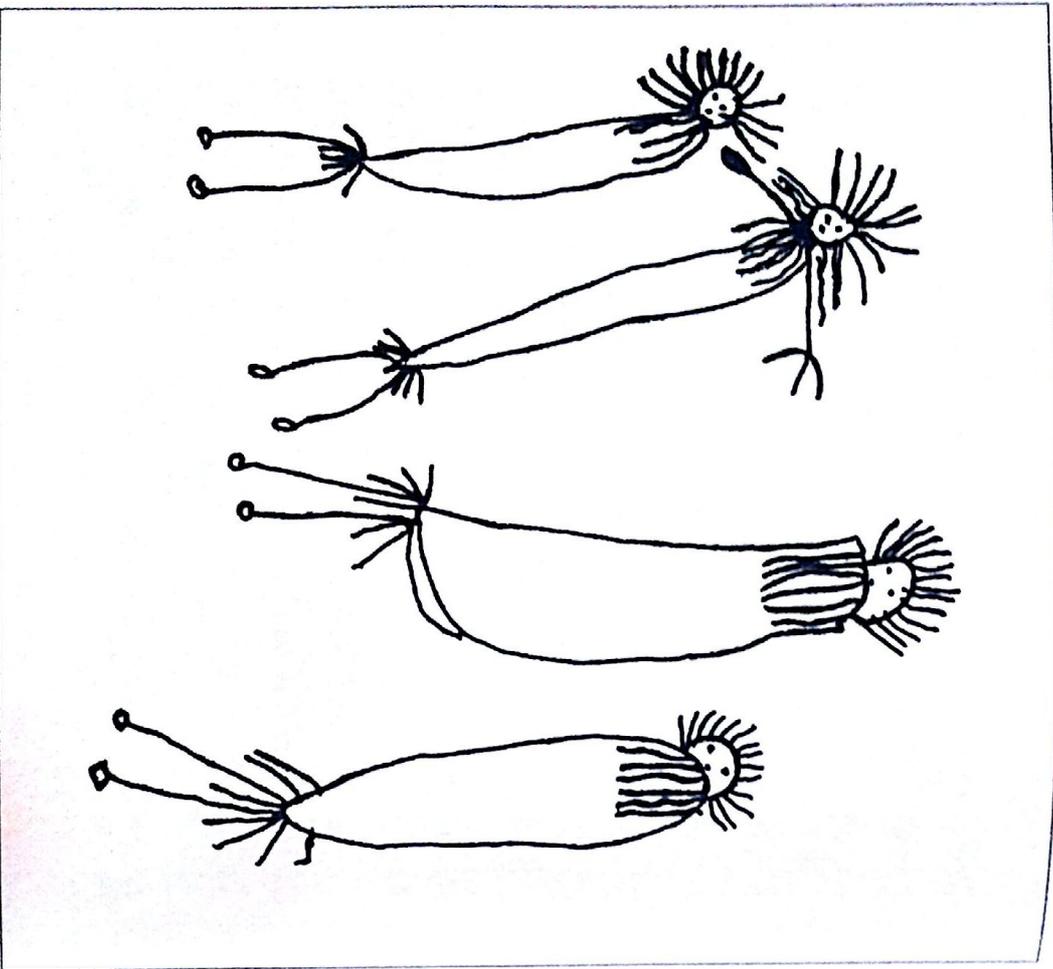
Os Kamayurá contam hoje com uma população de 303 indivíduos. Falantes de uma língua Tupi-Guarani, eles vivem na região dos formadores do rio Xingu, numa área próxima à lagoa do Ipavu, dentro do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Lá, convivem com outros 15 povos indígenas, formando um grande complexo cultural. Além de trocarem produtos, casarem-se entre si, esses povos realizam, conjuntamente, o ritual do Kwariup, em homenagem aos mortos.



Para saber mais sobre os Kamayurá

- ◆ Junqueira, Carmen - *Os Índios de Ipavu*, Editora Ática, São Paulo, 1978, 111 págs.
- ◆ Agostinho, Pedro - *Kwariup - Mito e Ritual no Alto Xingu*, Edusp/EPU, São Paulo, 1974, 209 págs.
- ◆ Samain, Etienne - *Moroneta Kamayurá - Mitos e Aspectos da Realidade Social dos Índios Kamayurá*, Liddor, RJ, 1991, 245 págs.
- ◆ Filme *Jornada Kamayurá* (16mm), Heinz Forthman, SPI (Ibac-RJ), 1966, 10'.

Essa história foi baseada no livro *Os Índios de Ipavu*, de Carmen Junqueira.



### Nas Florestas do Cuminapanema

O tum-tum-tum produzido pelo machado cortando largos pedaços de madeira bem perto de sua rede acordou o jovem Towapa. O sol ainda não tinha se levantado no horizonte, mas todos já estavam de pé na sua casa. Enquanto seu irmão mais velho cortava lenha para reavivar a fogueira, a mãe socava sementes com o pilão e a irmã ralava castanhas-do-pará. Num canto da casa, o pai afiava as pontas de um conjunto de flechas e dava pedaços de beiju – um bolo feito de farinha de mandioca – para o pequeno mico que fazia estripulias com a cordinha que o prendia a um estelo da casa. Rapidamente Towapa se deu conta do motivo de tanta atividade logo pela manhã. É que naquele dia sua família ia começar a empreender uma caminhada pela floresta rumo à aldeia dos missionários. Seriam quatro dias de caminhada

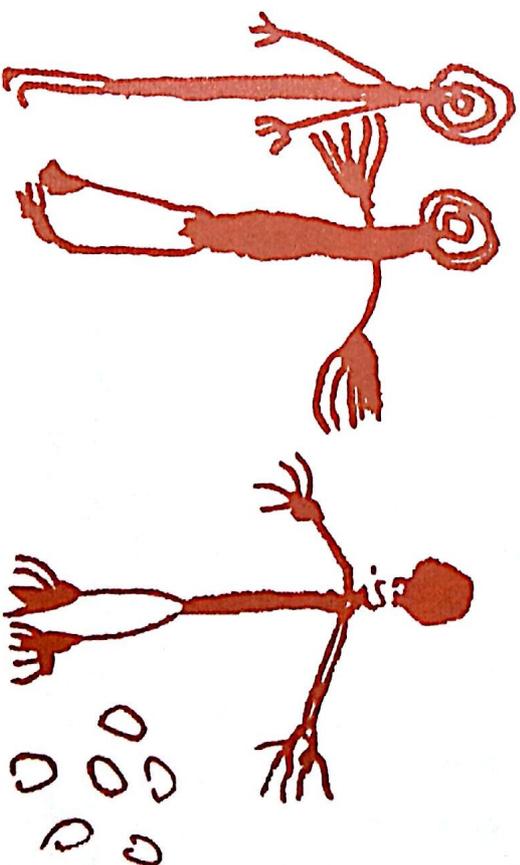
pela mata, subindo e descendo montanhas e atravessando pequenos cursos d'água. O jovem Towapa sabe que, durante o percurso, sua família parará muitas vezes. O pai e o irmão mais velho vão sair atrás de bichos para caçar; a mãe e as irmãs apanharão castanha e ele poderá usar os últimos anzóis que ganhou dos brancos para tentar físgar algum peixe grande.

A aldeia de Towapa, Keijã, é a maior do povo Zo' é. Fica no meio dos castanhais, nas montanhas, onde nascem muitos igarapés que depois se agrupam formando dois grandes rios, o Cuminapanema e o Erepecuru. Lá no norte do Pará. Atrás das casas estão as roças de mandioca, onde os Zo' é também plantam algodão, urucum, pimenta, abacaxi, mamão e outros frutos.

Com os cestos colocados nas costas, a família de Towapa se despede de seus parentes e inicia a marcha pela floresta. Além de seus pertences pessoais e de alguma comida, eles carregam todos os seus bichos de estimação. Ninguém fica para trás: o mico, dois papagaios, um pequeno jabuti, um passarinho e duas galinhas que eles ganharam dos brancos. A família pretende descansar por um ou dois dias na aldeia Kupuruhu, uma outra aldeia

deste povo, próxima a um grande campo de mata que, com as chuvas, sempre fica alagado.

Depois de dois dias caminhando pela floresta, eles chegam à aldeia Kupuruhu, onde reencounteram alguns parentes. Entram na aldeia cantando para anunciar sua chegada. Towapa fica muito excitado, pois seu amiguinho Kuruti, que agora mora naquela aldeia, vai ser o centro de um ritual muito importante na



vida deste povo Tupi. Ele está sendo preparado por sua mãe para receber um adorno labial chamado *embeço*. Para realizar a furação do lábio de Kuruti, a família convidou Keapu, um pajé bem conhecido e com muito prestígio entre os Zo'ê. Ele usa um osso de macaco bem afiado para furar o lábio de Kuruti. Towapa ficou



impressionado com a firmeza de seu amigo Kuruti, que não chora nem reclama de nada. A mãe de Kuruti dizia para ele que a furação ia doer mesmo, mas que era assim que ele ia se tornar um adulto. Todos estavam reunidos em torno do menino, acompanhando e comentando a furação. Em poucos dias, a mãe de Kuruti irá substituir o osso do macaco por um botoque de madeira bem fininho. O *poturu*, que é esse adorno colocado no lábio, é a marca étnica

deste grupo indígena, que vem repetindo esse ritual ao longo de gerações e gerações.

Ainda não chegou o momento de Towapa ter o seu lábio perfurado, mas ele sabe que logo seus pais escolherão um dia para a cerimônia. Quase todos os seus amigos da mesma idade já estão usando o *poturu*, que é o nome da madeira usada para fazer o adorno do lábio.

Até recentemente os Zo'ê viviam isolados nas florestas do Cumínapanama. Provavelmente os antepassados de Towapa sabiam da existência dos brancos e por isso teriam se refugiado nas cabeceiras dos rios. Há alguns anos este povo indígena resolveu se aproximar de uma grande clareira onde os missionários construíram uma pista de pouso e algumas casas. Ali os Zo'ê vão para negociar objetos e utensílios, como facões, anzóis, linhas coloridas, lanternas e panos, que antes os missionários deixavam como presentes no caminho para as aldeias e na floresta, procurando estabelecer relações de amizade com eles.

A família de Towapa apressa o passo em direção à missão, pois já é possível ouvir o ronco do avião que está trazendo

vida deste povo Tupi. Ele está sendo preparado por sua mãe para receber um adorno labial chamado *embépo*. Para realizar a furação do lábio de Kuruti, a família convidou Keapu, um pajé bem conhecido e com muito prestígio entre os Zo'ê. Ele usa um osso de macaco bem afiado para furar o lábio de Kuruti. Towapa ficou



Impressionado com a firmeza de seu amigo Kuruti, que não chora nem reclama de nada. A mãe de Kuruti dizia para ele que a furação ia doer mesmo, mas que era assim que ele ia se tornar um adulto. Todos estavam reunidos em torno do menino, acompanhando e comentando a furação. Em poucos dias, a mãe de Kuruti irá substituir o osso do macaco por um botoque de madeira bem fininho. O *poturu*, que é esse adorno colocado no lábio, é a marca étnica

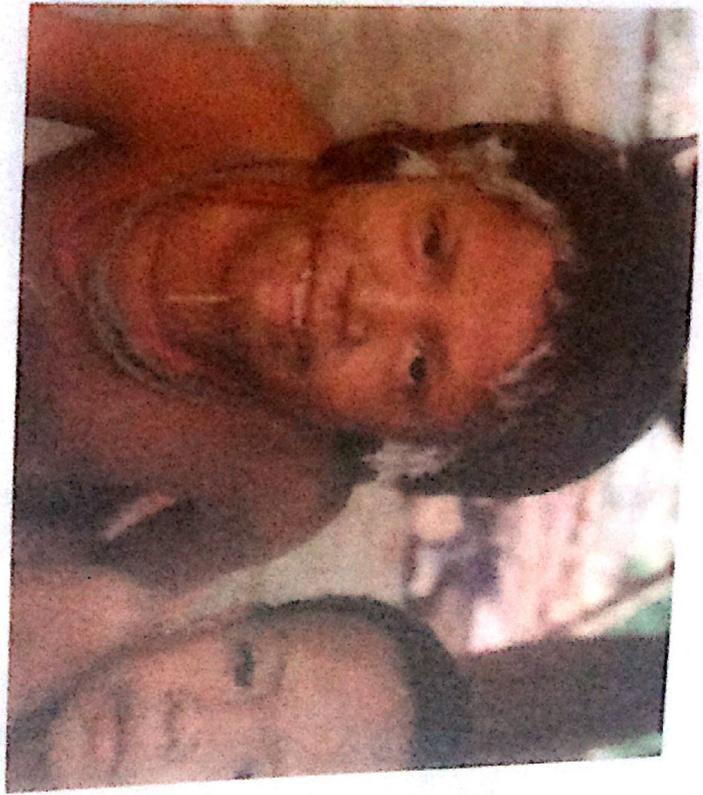
deste grupo indígena, que vem repetindo esse ritual ao longo de gerações e gerações.

Ainda não chegou o momento de Towapa ter o seu lábio perfurado, mas ele sabe que logo seus pais escolherão um dia para a cerimônia. Quase todos os seus amigos da mesma idade já estão usando o *poturu*, que é o nome da madeira usada para fazer o adorno do lábio.

Até recentemente os Zo'ê viviam isolados nas florestas do Cuminiapanema. Provavelmente os antepassados de Towapa sabiam da existência dos brancos e por isso teriam se refugiado nas cabeceiras dos rios. Há alguns anos este povo indígena resolveu se aproximar de uma grande clareira onde os missionários construíram uma pista de pouso e algumas casas. Ali os Zo'ê vão para negociar objetos e utensílios, como facões, anzóis, linhas coloridas, lanternas e panos, que antes os missionários deixavam como presentes no caminho para as aldeias e na floresta, procurando estabelecer relações de amizade com eles.

A família de Towapa apressa o passo em direção à missão, pois já é possível ouvir o ronco do avião que está trazendo

esses produtos que agora eles cobriam. O grande pássaro acabou de pousar e os missionários estão retirando caixas de madeira e de papelão de dentro de sua barriga. Towapa sai correndo. Ele quer ajudar os missionários a carregar algumas daquelas caixas e ver se, em troca, ganha anzóis ou uma nova linha de pesca. Sua família vai passar vários dias na aldeia dos missionários, tentando conseguir alguns produtos e cuidados médicos. Depois novamente vão empreender o caminho de volta para casa. A aldeia dos missionários é agora mais um local para os Zo' é visitarem nas perambulações que realizam por todo o seu território. Os avós de Towapa não chegaram a conhecer os brancos, que daqui em diante farão parte do universo e do futuro destes índios. Foi assim que aconteceu com muitos grupos indígenas que vivem no Brasil e que, aos poucos, foram entrando em contato com os brancos. Mas esta é uma história que o povo Zo' é ainda não teve tempo de aprender.





### Zo'é

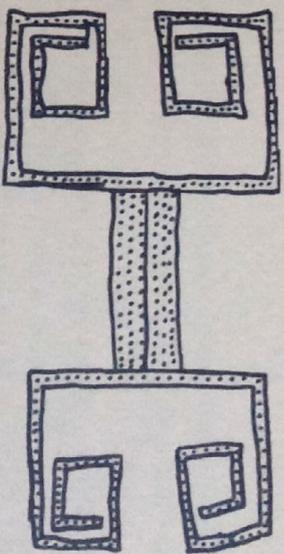
Os Zo'é, falantes de uma língua Tupi-Guarani, contam com uma população de 178 indivíduos. Até pouco tempo atrás, viviam isolados numa região de florestas, rica em castanhais, entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, no norte do Pará. Seu contato definitivo com os brancos ocorreu em 1987, quando se aproximaram de missionários

que desde 1982 procuravam encontrá-los e atraí-los.

Para saber mais sobre os Zo'é

- ◆ Gallois, Dominique T. e Grupioni, Luís Donisete B. - Artigo "A Redescoberta dos Amáveis Selvagens", publicado em *Povos Indígenas no Brasil 1987/88/89/90*, CEDI, SP, 1991, págs. 209-215.
- ◆ Gallois, Dominique T. - Artigo "Tupi do Cuminapanema: eles se chamam Zo'é", publicado em *Povos Indígenas no Brasil 1991-1995*, Instituto Socioambiental, SP, 1996, págs. 280-288.
- ◆ Vídeo *A arca dos Zo'é*, Vincent Carelli e Dominique Gallois, CTI, 1993, 22'.
- ◆ Vídeo *Descobrimo o Brasil*, Murilo Santos e Dominique Gallois, CEDI, 1992, 8'.

Essa história foi baseada no vídeo *Descobrimo o Brasil*, de Dominique T. Gallois e Murilo Santos.



### A Festa do Jabuti

Mai clareara o dia, e a mãe de Pirtu já estava peneirando uma massa de mandioca e batata roxa para preparar *sakura*, uma bebida fermentada que os Tiryó costumam dizer que se parece com a cerveja dos brancos. Nessa época do ano, dezembro, o sol nasce cedo atrás das montanhas e nos campos da fronteira de dois países vizinhos: o Brasil e o Suriname, lá no norte do Pará, onde moram os Tiryó.

Pirtu ainda dormia, mas a agitação crescia na sua casa e nas outras da aldeia, na medida em que as pessoas iam acordando. Na casa de Pirtu, sua irmã também já estava em pé, ajudando a mãe a preparar a bebida. Quando Pirtu acordou, com os olhos cheios de remela de quem tinha dormido bem a noite

toda, sua mãe já estava com três panelas grandes, cheias até a boca, com a bebida. O menino se levantou da rede, espreguiçou-se, bocejou e quando ia abrir a boca para perguntar sobre onde andava seu pai, calou-se ao ver as panelas de *sakura*. A imagem da bebida, em tom arroxeado, por causa da batata, trouxe-lhe à lembrança as conversas da noite anterior, em que seu pai e outros homens da aldeia combinavam de sair para a mata bem cedo, quando o céu ainda estivesse escuro, para encontrar com outros homens que há dois dias atrás haviam ido caçar Jabutis. A recordação daquela conversa fez com que ele ficasse eufórico e abrisse um sorriso maroto. E havia um motivo: é que naquele dia, no final da manhã, os homens voltariam para a aldeia, trazendo Jabutis e outros bichos que conseguissem caçar. E com a sua chegada, começaria a festa do Jabuti e a festa de Natal.





não chegou a pensar muito: pegou na mão de um amiguinho e foi se juntar aos homens, mulheres e crianças que estavam indo encontrar os caçadores.

Na margem do rio, os homens empilhavam os jabutis capturados na caçada. Outros bichos também foram pegos, como alguns jacamins, guaribas e mutuns. No aglomerado de gente que se formou em volta da caça, Piritu procurava por seu pai, sem ter sucesso. É que quando ele chegou à margem do rio, vários dos caçadores já estavam vestidos com máscaras feitas de palha de palmeira, que cobriam o corpo todo. Entre as mulheres que estavam na aldeia e que vieram ao encontro dos caçadores, Piritu reconheceu sua mãe e sua irmã. Juntas elas estavam carregando uma das panelas que haviam preparado com a sakura. Com uma cuia, ofereceram a bebida para vários caçadores. Outras mulheres, de outras casas, faziam o mesmo.

Piritu, extasiado com a quantidade de bichos caçados, ainda buscava reconhecer, embaixo das máscaras, a identidade de seu pai. Olhando atentamente para cada um deles, conseguiu finalmente localizar seu pai: é que ele estava usando um chinelo



noiteio que havia ganho de um missionário que há muitos anos mora entre os Tilyó. Pithu se aproximou e disse ao pai que gostaria de dançar e cantar junto com ele. O pai explicou-lhe, então, que agora aquele grupo de caçadores irá dançando e cantando até a casa de reuniões da aldeia, e que lá continuariam dançando e cantando por várias horas. Os Tilyó têm cantos para vários bichos; canto do jabuti, do jacaré, do jacarim. Durante a festa, eles devem cantar os cantos dos bichos que caçaram. O pai disse, também, que as mulheres da aldeia serviriam sakura para que eles ficassem *sasame*, que na língua Tilyó quer dizer contentes, alegres. Depois, quase no final do dia, os homens distribuíam as carnes caçadas. Para que os mulheres pudessem prepará-las e para que todos pudessem comê-las. O pai de Pithu sugeriu ao filho que ele prestasse atenção tanto nas danças que iam executar, como nos cantos que iam entoar.

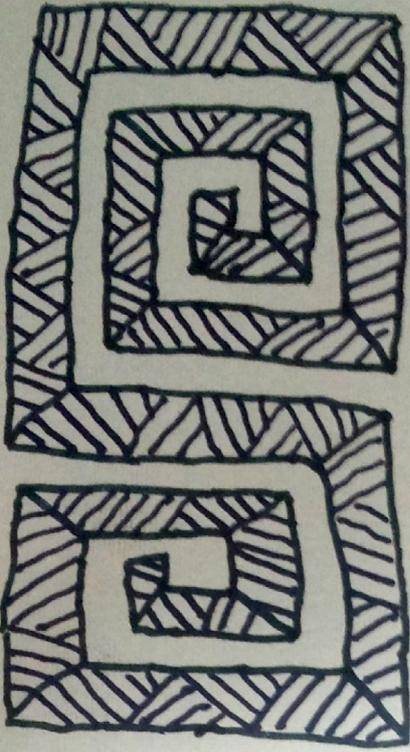
E foi exatamente isto que Pithu fez: acompanhou tudo de perto, tentando imitar os passos e as coreografias do grupo de caçadores com suas *mbscaras*. No final do dia, quando todos já estavam cansados e *sasame*, isto é, alegres, os homens tiraram as *mbscaras* e foram para suas casas. Alguns ficaram por ali, comendo

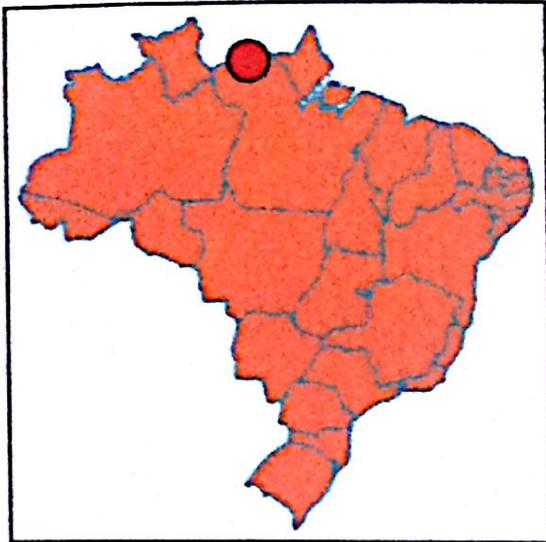
pedaços de carne preparados pelas mulheres. Foi aí que começou uma nova festa: Pithu e alguns de seus amigos pegaram as *mbscaras* deixadas pelos caçadores, vestiram-nas e começaram



a dançar e cantar, tentando reproduzir o que tinham visto antes. Alinhados, como numa fila, lado a lado, eles iam um pouco para lá e um pouco para cá. Depois viravam todos para o outro lado, e começavam de novo, um pouco para cá e um pouco para lá.

Foi assim que Pititu também comemorou a festa do Jabuti. Até um pouquinho de sakura ele bebeu. Foi assim que ele começou a comemorar o Natal. No dia seguinte, ele sabe que os missionários distribuído doces para as crianças e algum presente para os velhos. Mas o que realmente o deixou feliz foi a promessa de seu pai de que, no próximo ano, ele vai participar da festa do Jabuti desde o seu início: vai acompanhar o grupo de caçadores na mata, vai aprender a coçar e a confeccionar as máscaras para dançar na aldeia e vai aprender a tomar sakura até ficar sasame. É, a festa do Jabuti do próximo ano promete.





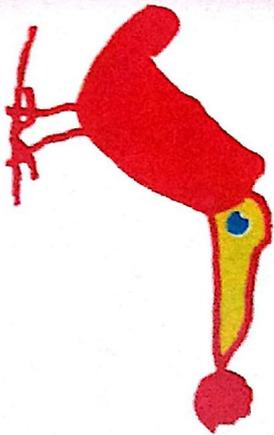
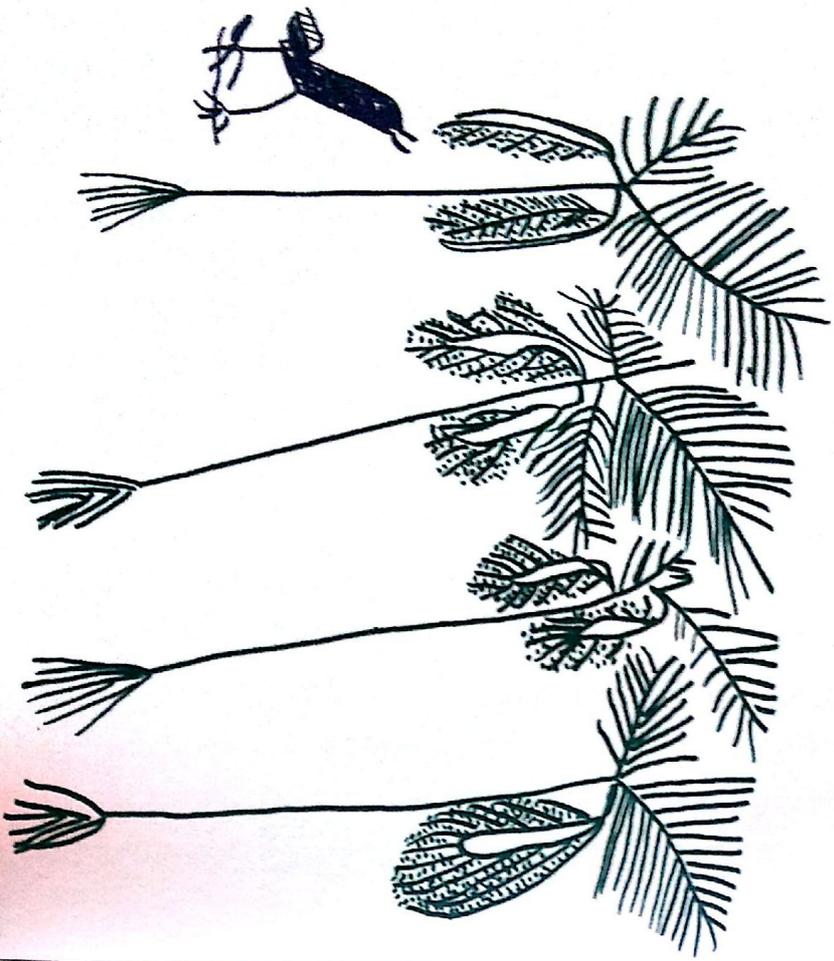
### Tiriyo

Os Tiriyo são habitantes da região fronteira entre o norte do Brasil e o Suriname. Perfazem uma população total de cerca de 1.700 indivíduos. No Brasil, onde vivem junto com os Kaxuyana, totalizam cerca de 850 indivíduos. Aqui, eles habitam uma área de campo-cerrado, matas e montanhas, no norte do Estado do Pará, e distribuem-se em

dezenove aldeias diferentes. Falantes de uma língua Caribe, eles foram contactados no início dos anos 60 por missionários católicos.

Para saber mais sobre os Tiriyo

- ◆ Frikel, Protásio - *Os Tiriyo - notas preliminares*, Boletim do Museu Emílio Goeldi, série Antropologia, MPEG, 1960, Belém, 19 págs.
- ◆ Gallois, Dominique - Capítulo "*Tiriyo*", publicado em Ricardo, Carlos A. (Coord.) - *Povos Indígenas no Brasil - Amapá/Norte do Pará*, Vol. 3, CEDI, São Paulo, 1983, págs. 182-213.
- ◆ Letschert, Frei Bento - *Dicionário Português - Tiriyo*, MEC-MarinHII/USP, Brasília, 1998, 149 págs.
- ◆ Pereira, Maria Denise Fajardo - Artigo "*Tiriyo do Norte do Pará e sua experiência intercultural*", publicado em *Povos Indígenas no Brasil 1991-1995*, ISA, SP, 1996, págs. 289-291.



## A criação da humanidade

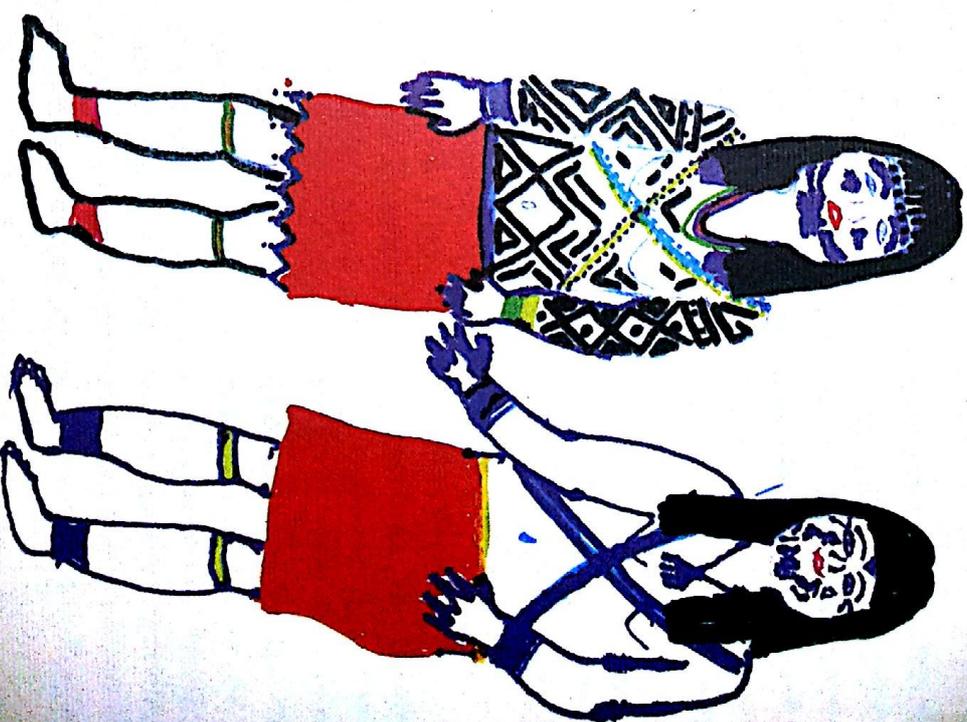
Ana Carolina é uma meninha inquisita, sempre querendo aprender mais sobre as coisas. "Como?, por quê?, quem?, pra quê?" são perguntas que ela vive repetindo. Seu pai não tem muita paciência para ficar respondendo a tantas perguntas. A mãe acredita que ela será uma cientista quando crescer. A professora gosta de perguntas, mas fica brava quando Ana não dá qualquer chance para seus amigos também perguntarem.

Um dia a professora estava falando sobre a origem do mundo, do universo e das pessoas. E contou a teoria científica do início de todas as coisas: "Uma grande explosão ocorreu no céu e surgiram muitos planetas, astros e estrelas. A Terra, que ardia em brasas, foi resfriando e apareceram os primeiros sinais de vida. Estes foram se tornando complexos e se diferenciando. Milhares de anos

depois surgiram os macacos, que foram evoluindo e que teriam dado origem aos homens. Por isso eles são tão parecidos conosco”.

Ana Carolina, maravilhada com o que tinha acabado de ouvir, lembrava dos macacos que vira no zoológico e que poderiam ser seus parentes ancestrais. Mal a professora terminou de falar, ela se ergueu e disse que sabia de uma outra história sobre a origem de tudo. Contou que sua avó tinha lido para ela uma história que estava na Bíblia e que era mais ou menos assim: “No início só havia Deus. Então ele resolveu criar o mundo todo com todas as coisas que existem. Fez isso em poucos dias. Aí Deus criou, com barro, o primeiro homem e deu a ele o nome de Adão. Mas Adão vivia triste pelo paraíso e então Deus tirou uma costela dele e fez uma mulher para ficar com ele. Era Eva. Eles se casaram e tiveram filhos e então surgiu toda a humanidade”.

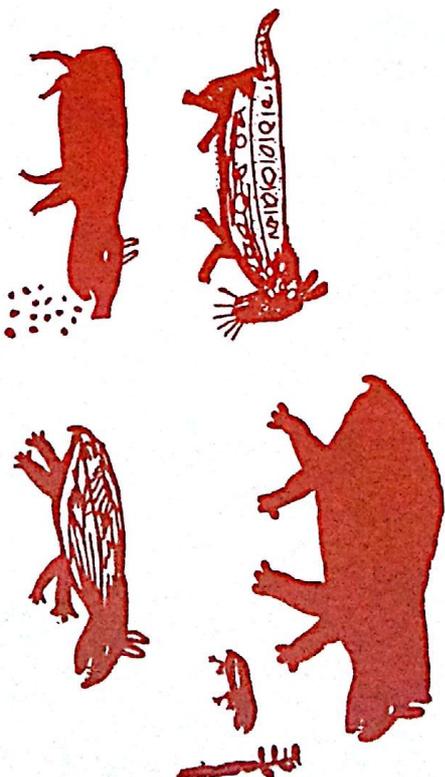
A professora elogiou a prontidão da menina e perguntou se alguém mais conhecia outras histórias a respeito da origem do mundo e das coisas. Lá do fundo da sala, uma outra menina levantou o braço e gritou: “Eu sei, minha mãe me contou uma história bem diferente”. A professora logo adivinhou que havia de



se tratar de uma história sobre os índios, pois a mãe de Juliana era antropóloga. Os antropólogos são pesquisadores que durante vários meses vão morar com os índios, aprender suas línguas, suas tradições, seus modos de viver e de ver o mundo. Dito e feito: a pequena se levantou e contou uma história dos Waiápi, que segundo ela vivem em aldeias lá nas florestas do Amapá, perto da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

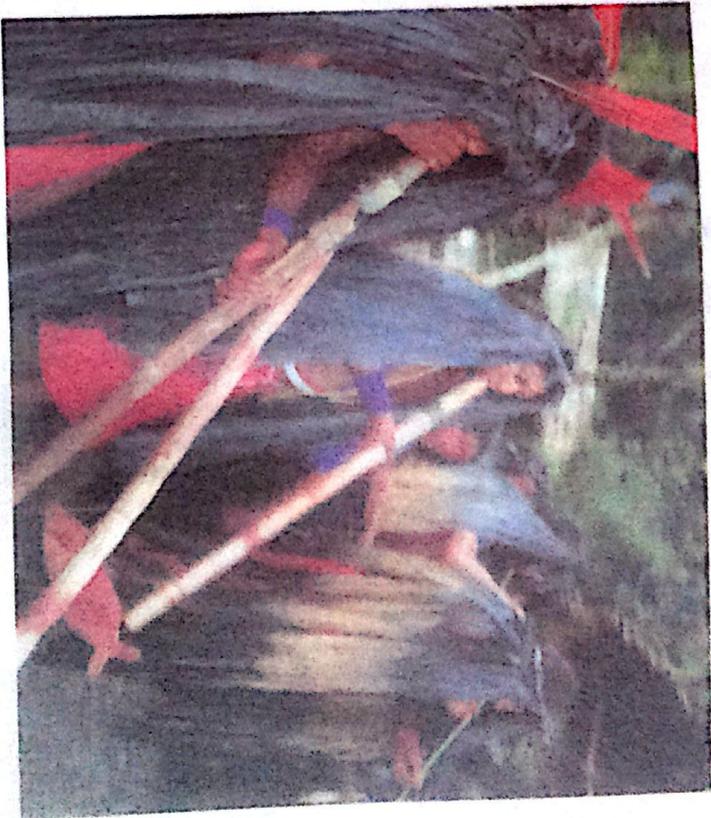
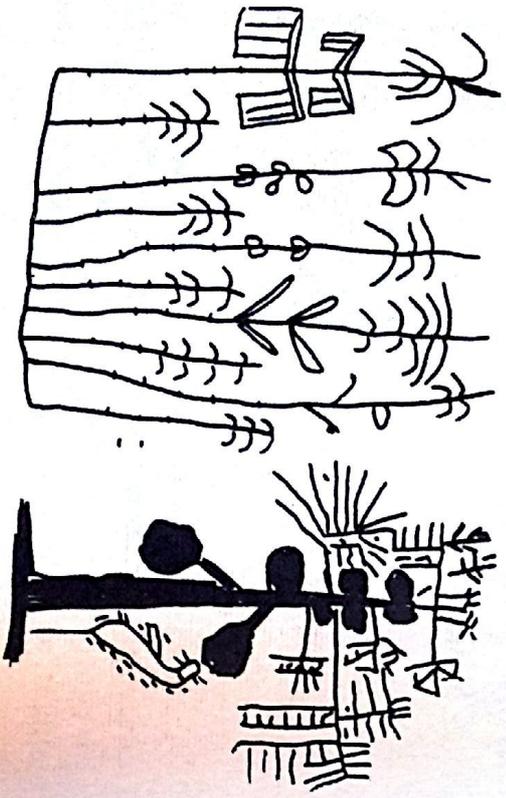
Ela aprendeu essa história com a mãe dela que foi morar um tempo com os índios Waiápi. A história é assim: "no início o criador, que se chama *lanejar*, estava sozinho. Ele não gostava de estar sozinho. Então um dia ele foi apanhar mel e resolveu fazer uma mulher. Ele soprou e o mel virou uma mulher. Ai ele falou para a mulher ir na roça e buscar mandioca. O sol foi esquentando e a mulher de mel derreteu. *lanejar* estranhou a demora da mulher e foi ver o que tinha acontecido. Chegou na roça e só viu o cesto que ela tinha levado. Então *lanejar* foi buscar arumã, que é um tipo de palmeira. Ele soprou e o arumã virou uma mulher. 'Vai lá na roça buscar mandioca', disse *lanejar*. A mulher foi, voltou e fez uma bebida com a mandioca ralada, chamada caxiri. *lanejar* disse que o caxiri estava azedo e muito ruim. Depois a mulher foi

na mata buscar embaúba e fez duas flautas: uma pequena e outra grande. *lanejar* soprou na flauta grande e saíram muitas pessoas. A mulher de arumã soprou na outra flauta e saíram muitas mulheres. Naquele tempo, não havia pessoas, só *lanejar* e sua mulher. Mas depois disso, a Terra ficou cheia de Waiápi".

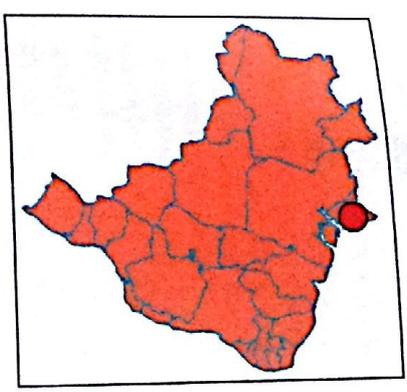


Juliana já estava quase sem fôlego quando terminou de contar a história. Disse que os índios têm muitas histórias que nós não conhecemos e que eles vivem de forma diferente. Disse também que nós podemos aprender muitas coisas com eles e que

devemos respeitá-los. Mesmo assim, alguns meninos riram da história de Juliana, mas Ana Carolina estava séria. Ela tinha prestado atenção em tudo. Diferentemente de outras vezes, não veio com o seu "como?, por quê?, quem?, pra quê?". Quileta e pensativa tomou uma decisão: queria aprender mais coisas sobre os índios. Afinal de contas, pensou ela, somos todos parte da mesma humanidade.



deveriam respeitá-los. Mesmo assim, alguns mentes negras  
 história de Juliana, mas Ana Carolina estava séria. Ela tinha presunção  
 atenção em tudo. Diferentemente de outras vezes, não veio...



Waiãpi

O povo Waiãpi, falante de uma língua Tupi-Guarani, soma hoje 511 pessoas no Brasil e outras 650 na Guiana Francesa. No Brasil, vivem em várias aldeias numa área de floresta tropical na região do Amapari, no Amapá. Foram contactados pela Funai em 1973, quando da construção da Perimetral Norte. Nos anos 80 eles expulsaram os garimpeiros e se organizaram para controlar os limites da área que eles demarcaram em 1996.

Para saber mais sobre os Waiãpi

- ◆ Gallois, Dominique T. - *Migração. Guerra e Comércio: os Waiãpi na Guiana*, FFLCH-SP, 1986, 348 págs.
  - ◆ Gallois, Dominique T. - *Mairi revisitada - a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi*, NHI-USP e FAPESP, SP, 1993, 71 págs.
  - ◆ Vídeo *O Espírito da Terra*, Vincent Carelli, CTI, 1990, 18'.
  - ◆ Vídeo *Placa não fala*, Dominique Gallois e Vincent Carelli, CTI/GTZ, 1996, 27'.
  - ◆ Vídeo *Segredos da Mata*, Dominique Gallois e Vincent Carelli, CTI/APIINA, 1998, 37'.
- Essa história foi baseada no mito contado pelo índio Pao para a antropóloga Dominique T. Gallois em 1977.

Crédito das Ilustrações:

Ilustração da Capa: Desenho kamayurá. Coleção ISA.

Págs. 6, 8-13: Desenhos kamayurá. Arquivo do Programa de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu, ISA.

Págs. 6, 9: Tawali Trumoi.

Págs. 7 e 14: Xingú-Unter Indianern in Zentral-Brasilien, de Günther Hartmann (1986).

Págs. 8, 11: Kanawayuril Kamayurá.

Pág. 13: Karitu Kamayurá.

Pág. 15: Uglise Kalapalo.

Págs. 16-22: Desenhos zo'ê. Coleção Dominique T. Galliois.

Pág. 18: Jedby e Towapa Zo'ê.

Pág. 21: Kurusiwie Zo'ê.

Pág. 22: Ó Zo'ê.

Págs. 24-32: Desenhos tiriyó. Coleção Maria Denise Fajardo Grupioni.

Págs. 26,29-35: César Tiriyó.

Pág. 27: Diacui Tiriyó.

Págs. 28, 36: Amamu Tiriyó.

Págs. 34-40: Desenhos waiápi. Coleção Dominique T. Galliois.

Pág. 38: Miwa Waiápi.

Pág. 41: Makaratu Waiápi.

Pág. 43: Kuretarí Waiápi.

Pág. 44: Januarí Waiápi.

Crédito das Fotografias:

Kamayurá: Etienne Samain

Zo'ê: Luis Donisete Benzi Grupioni

Tiriyó: Maria Denise Fajardo Grupioni

Waiápi: Dominique T. Galliois



Dominique Galliois

Luis Donisete Benzi Grupioni nasceu em São Paulo e tem 34 anos. Antropólogo, formou-se em Ciências Sociais na USP, onde também defendeu sua dissertação de mestrado em Antropologia Social. Fez pesquisa de campo entre os índios Bororo, no Mato Grosso, e entre os Zo'ê e Tiriyó, no norte do Pará. Tem organizado exposições etnográficas e mostras de fotografias sobre os índios, entre as quais destaca-se a exposição integrada "Índios no Brasil: afiridade, diversidade e diálogo cultural", promovida pela Secretaria Municipal de Cultura de S. Paulo, em 1992. É autor dos livros *Viagem ao Mundo Indígena* (Berlendis e Vertecchia Editores, 1997), *Coleções e Expedições Vigladas* (Hucitec, 1998) e organizador dos livros *Índios no Brasil* (SMC, 1992) e *A Temática Indígena na Escola* (MEC, Mari e Unesco, 1995). Atualmente é pesquisador do Maci - Grupo de Educação Indígena e do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, ambos da USP, e assessor do Instituto Socioambiental.

## Outros títulos da Editora

### SÉRIE ARTE PARA CRIANÇA

VOU!

"Era Uma Vez Três..." de Ana Maria Machado

MILTON DAGOSTA

"Era Uma Vez Uma Menina" de Walmir Ayala

TOMIE OHTAKE

"Gota D'Água" de Alberto Goldin

ARTE POPULAR

"A Peleja" de Ana Maria Machado

CARLOS SCUAR

"O Pintor Que Pintou O Sete" de Fernando Sabino

ANTONIO MAIA

"Ave Jorge" de Zíndico

GLAUCO RODRIGUES

"O Arteiro e o Tempo" de Luís Fernando Veríssimo

ARCANGELO IANELLI

"No Mundo das Nuvens" de Alberto Goldin

### SÉRIE ARTE PARA JOVENS

LUIZ PAULO BARAVELLI

"Adão e Eva" de Machado de Assis

CARYBÉ

"O Capeta Carybê" de Jorge Amado

SIRONI FRANCO

"O Forasteiro" de Walmir Ayala

PIERRE CHALITA

"O Anjo no Galinheiro" de M. Jorge

Pequeno Guia Beretendis e Introdução à História da Arte  
Do Renascimento ao Impressionismo através das obras do MASP.

### COLEÇÃO PAIWANA

"Viagem ao Mundo Indígena" vol. 1, de Luís Donisete Benzi Grupioni



A Coleção Pawana reúne histórias sobre a sabedoria, as tradições, a vida cotidiana e os rituais dos índios brasileiros, procurando aproximar o leitor ao universo cultural indígena. Ao ler essas histórias, você, que mora na cidade, poderá ter uma idéia de como é a vida nas aldeias. Pawana é um termo que em línguas Caribe designa o visitante, o amigo ou o parceiro de troca.

ISBN 85-86387-14-2



9 788586 387142